

ASTROFUTURISMO

OU, COMUNICABILIDADE ENTRE MONOLITO, OCEANO E HUMANOIDE

Por Fabiane M. Borges¹

Depois da II Guerra Mundial o Espaço se tornou uma tela de projeção para todo tipo de utopia e distopia. Havia naquele momento como que uma urgência em antecipar o futuro, científica e ficcionalmente, dado os estragos da guerra, os avanços tecnológicos e a guerra fria. Uma enorme quantidade de elementos da cultura espacial surgiram nessa época (final dos anos 1940 até o final dos anos 1970), esses elementos sistematizados e compartilhados foram chamados por De Witt Douglas Kilgore de Astrofuturismo².

Uma das características do astrofuturismo é a cultura alien. Para muitos a expectativa em relação ao encontro com extraterrestres representava a experiência mais radical de alteridade, pois havia já nesse período uma crítica incisiva aos projetos coloniais, que reduziam a experiência da alteridade à hierarquia e dominação física, econômica e cultural dos povos menos tecnologizados. A questão da alteridade e utopia estava em plena expansão, os movimentos sociais eclodiam em meio a Corrida Espacial trazendo reivindicações contra o racismo, o machismo e o desequilíbrio entre os avanços técnicos e os avanços sociais.

¹ O texto foi extraído da tese de Fabiane M. Borges intitulada Na busca da Cultura Espacial -2013- <https://catahistorias.files.wordpress.com/2013/04/na-busca-da-cultura-espacial-web.pdf>

² Cfe. De Witt Douglas Kilgore–Astrofuturism Science, Race and Visions of Utopia in Space. University of Pennsylvania Press – Philadelphia 2003.

Por um lado os programas espaciais dos Estados Unidos e União Soviética representavam o futuro e o desenvolvimento e contavam com ufanistas e apoiadores, por outro eram alvo de oposição. Um dos movimentos mais radicais nos EUA surgiu dentro das comunidades negras, que durante o lançamento da Apollo 11 em 16 de julho de 1969, organizaram junto com as lideranças cristãs do sul do país um enorme protesto questionando o valor econômico e a importância social da aventura espacial. Estudantes universitários também se engajavam nas lutas contra os gastos econômicos e a falta de participação popular nas decisões sobre a exploração espacial. Enquanto a política tentava dar conta dessas manifestações, fazendo discussões públicas em instituições, escolas, universidades, criando mídia de caráter glorioso e nacionalista e escondendo mais rigorosamente projetos de espionagem e de armamento nuclear, escritores de ficção científica se debatiam com o tema, tentando pensar a questão da política e alteridade em seus termos filosóficos.

O escritor de ficção científica James Gunn em seu livro *“The Listeners”*³, por exemplo, cria um ambiente que propicia que um dos seus personagens narre seus pensamentos ao tentar pensar as vantagens da era espacial para os problemas sociais e políticos, baseado em três perguntas: 1- O que isso significa, falar pela humanidade com uma civilização extraterrestre? 2- Quem poderia autorizar tal comunicação? 3- É a comunicação “civilizada” possível entre diferentes raças, culturas, civilizações ou gerações? As perguntas do personagem são importantes na medida em que aproximam as diferenças raciais terrestres, das diferenças raciais que os extraterrestres representavam. Se os problemas básicos da humanidade não tinham sido resolvidos em relação a mais valia, exploração étnica e constantes guerras, os modos de contato com os extraterrestres poderiam seguir o mesmo rumo. Ele questiona se realmente é possível

³ Cf. James E. Gunn, *“The Listeners”*, Ed. Charles Scribner's Sons, EUA,1972

a comunicação equilibrada entre diferentes: nunca aconteceu uma comunicação equânime entre europeus e indígenas das Américas. Foi um desastre as relações entre brancos e negros, porque seria diferente as relações entre terrestres e extraterrestres?

O binômio dominar ou ser dominado era uma assombração vastamente popularizada em todo tipo de narrativa. Supunha-se que uma resposta poderia ser produzida para os problemas da Terra, no encontro com uma civilização desconhecida e completamente diferente dos humanos. Talvez ocorresse uma espécie de vergonha ontológica, uma mudança paradigmática, um salto quântico na forma de pensar e produzir as divisões do planeta Terra. Talvez eles tivessem uma solução cabível que convencesse todos os governos do mundo. O personagem de James Gunn só pensa em aceitar o contato extraterrestre de Capelan (o planeta que fez contato com ele), se isso pudesse promover algum tipo de evolução à política que ele representava.

As críticas mais contundentes ao Programa Espacial dos EUA em relação a racismo e machismo, tinha a ver com o fato de que não existiam negros nem mulheres na Corrida Espacial, e quando existiam era de forma submissa às políticas de inclusão, o que não representava sua “diferença cultural ou de gênero”. Afirmava-se que nenhuma forma de representar o planeta Terra para outra civilização seria estruturalmente modificada somente com a “inclusão” de homens negros e mulheres. Os representantes, “donos” ideológicos dos programas ainda eram (e são) os homens brancos com sua cultura colonial. Em relação a ficção científica as reivindicações eram parecidas, o Espaço dominado pelos homens brancos não condizia, ou não representava os desejos das comunidades excluídas.

No ensaio "*The Future May Be Bleak, But It's not Black*", Thulani Davis faz uma análise do papel da ficção científica e suas narrativas fantásticas sobre o futuro na cultura popular americana, e fala da cegueira do racismo branco, ela argumenta que o gênero literário falhou em não imaginar nenhuma participação mais incisiva e afirmativa das comunidades negras. Ela critica o fato dos negros serem negados dentro desse contexto, assim como o feminismo, como se tivessem sido extintos, mesmo que as vezes houvesse participação de mulheres e negros dentro das narrativas. Vale aqui dizer que ela se refere a mulheres como pertencentes a qualquer raça, e negros como pessoas de cor negra, independentemente do gênero, de modo que se você fosse mulher e negra, teria castrada duas culturas de uma só vez, o que tornava a cultura da mulher negra a mais baixa nessa hierarquia celeste (assim como na Terra), a última a ser representada. Diante dessas críticas e discussões, voltava a pergunta: Estariam os humanos preparados para um contato extraterrestre? Se as questões da alteridade, da comunicabilidade entre diferentes espécies, etnias e gêneros ainda não era possível, como seria possível o encontro com extraterrestres? Quais grupos representariam a humanidade diante deles?

Identificamos com facilidade na cultura da ficção científica e da era espacial dessa época (final dos 1940 a final dos 1970) um antropocentrismo feroz que vai desde a vontade de dominação do homem branco sobre seus vizinhos alienígenas, até a forte tendência em acreditar que os vizinhos seriam iguais aos humanos, com um aspecto talvez diferente, um pouco diferente, hominídeos, mas igual em grande medida, falavam, pensavam, eram beligerantes e dominadores. Tinham ainda a visão de que esses extraterrestres eram irracionais, monstruosos, devastadores, que só queriam trazer a morte. A representação de um diabo disfarçado cujo principal objetivo era a destruição e

⁴ Cfe. Thulani Davis, "*The future May Be Bleak, But It's Not Bleak*" Village Voice, 1 Fevereiro 1983, 17.

dominação da Terra. Esse tipo de ficção talvez seja os que mais fazem sucesso no cinema hollywoodiano, até os dias de hoje. Essa experiência de dominação, exploração e colonização foi palco para vários debates, onde alguns apregoavam a retirada das forças militares da negociação, outros ao contrário, morriam de medo que os humanos fossem submetidos militarmente por extraterrestres tornando a Terra um campo de trabalhos forçados, e exigiam a presença das forças militares em qualquer tipo de investigação espacial na ciência e na ficção.

Outra coisa que estava em voga nesse momento, eram os aspectos religiosos dos terráqueos, as crenças espirituais, místicas, pois estas novas descobertas também produziam mudanças radicais na forma do mundo ser percebido pelas religiões e crenças transcendentes em geral, de modo que as discussões sobre extraterrestres também eram comuns em eventos de teologia, ou em cultos religiosos. O encontro com Deus, com uma força maior, o encontro com o criador, o conhecimento das profundezas do universo, o encontro com a comunidade das almas humanas desencarnadas, tudo isso se misturava: discussões éticas, visões de mundo, experiências espirituais dos religiosos.

Alexandre C. T. Geppert⁵ conta-nos que no final dos anos 1920, muitos criticavam os fanáticos por futuras espaçonaves, como os novos religiosos, que queriam substituir Deus pelas espaçonaves, acusando-os de acreditarem que a “tecnologia substituiu a religião”. De certo modo a ciência tinha conseguido um apelo afetivo, emocional e até espiritual, que as religiões reclamavam como parte do seu próprio patrimônio. Essa época foi de profundo balanço nas crenças humanas, um reavivamento da revolução

⁵ Cfe. Alexander C.T.Geppert, “*Flights of Fancy: Outer Space and the European Imagination*”, 1927 a 1969 pag. 599. Do livro: “*Societal Impact of Spaceflight*” editado por Steven J. Dick and Roger D. Launius. NASA, Washington, Dc - 2007

copernicana. Por mais que a ciência tentasse manter-se alijada das crenças transcendentais e operasse com dados matemáticos e lógicos, ela colaborava para o surgimento de novas crenças, novas especulações sobre a origem da vida, e transformava o “grande conhecimento” em algo possível de ser atingido, “em breve”! Por trás do mistério, a crença individual ou partilhada de alguns cientistas de certa forma conduziam as questões importantes a serem pesquisadas no Espaço, e não raras vezes esses cientistas tiveram seu ceticismo abalado pela “nova fronteira” que estava sendo desbravada.

Num dos artigos do astrofuturista De Witt Douglas Kilgore⁶, ele fala da C/SETI (Center for the Study of Extraterrestrial Intelligence - Centro dos estudos de inteligência extraterrestre), dizendo que depois de quatro décadas de existência, ela conseguiu pegar uma parte pequena mas significativa da cultura americana, mas que foi com a ficção científica, que ela conseguiu isso, o que ele chama, junto com outros escritores como James Gunn, Carl Sagan, entre outros, de CETI novel (Novelas de Comunicação com Inteligências extraterrestres), uma espécie de subgênero literário da ficção científica. A primeira pergunta que faz no artigo é: Poderíamos nos comunicar com espécies não humanas? Que efeitos essa comunicação teria sobre nós? A esperança liberal desse subgênero literário dizia respeito a crença de que a comunicação com extraterrestres ajudaria os humanos se comunicar também entre si, e que isso possibilitaria que a humanidade rompesse com o vínculo histórico na qual se encontrava aprisionada.

Kilgore elogia o esforço do já citado James Gunn em criar uma equivalência entre os problemas sociais terrestres e a ciência espacial. Traz à tona questões como o sentido da vida, a razão da existência humana, dando centralidade a aspectos que a ciência dura

⁶ Cfe. De Witt Douglas Kilgore: *“C/SETI as Fiction: On James Gunn’s The Listeners”* do livro: *“Societal Impact of Spaceflight”* editado por Steven J. Dick and Roger D. Launius. NASA, Washington, Dc -2007

não dá, e ao mesmo tempo, introduzindo os leitores nas discussões mais de ponta que tinham na época (estamos falando de textos dos anos 1970). Ele traduz os aspectos difíceis da física, matemática, engenharia para uma linguagem acessível aos leitores comuns, tentando clarificar seus conhecimentos a respeito do Espaço, enquanto introduz questionamentos sobre a própria missão espacial de cada um dos seus livros. Ele criava em seus livros um background filosófico, histórico e científico, tudo isso a partir de encontros com extraterrestres, que suscitava todos esses questionamentos. Esse tipo de ação validava a existência do C/SETI, criava valor sobre ele, e tirava sua fama de inútil. A questão de Kilgore era que os cientistas compartilhassem seus conhecimentos com o resto da população, e considerava a ficção científica um bom modo de fazer isso. Ao mesmo tempo ele tentava introduzir no meio científico onde atuava, uma visão mais sensível sobre a relação com extraterrestres, com não humanos, preparando cientistas, pesquisadores e pessoas ligadas a outras áreas do conhecimento para terem uma visão mais generosa sobre os possíveis vizinhos intergalácticos. Tentava romper com essa ideia militar ou com a visão da ciência dura sobre o que é pesquisa e conhecimento, introduzindo aspectos históricos para exemplificar equívocos comuns produzidos nas aproximações entre culturas diferentes. Assim como apontava para possíveis formas de vida, que nada tinham a ver com a matéria. Como se comunica com algo que não é humano, nem feito de matéria conhecida pelos humanos? Que preparação a ciência teria para esse tipo de contato?

Um dos exemplos recorrentes na ficção científica, que tenta pensar essas questões é relativo aos efeitos que as longitudes espaciais exercem na psiquê humana, assim como em seus corpos. Ao passar muito tempo no espaço os seres humanos vão perdendo cálcio, por conta da falta de gravidade, ou pelos efeitos da gravidade artificial produzida dentro das naves. Com a falta de cálcio o corpo vai ficando fraco, quase que literalmente desmaterializando-se. Essa era uma questão que desafiava a ficção científica: era

possível pensar nos humanos no Espaço sem pensar em sua desmaterialização ou dessubjetivação?

O clássico filme russo *Solareis* (1972) de Tarkowsky é um exemplo de ficção científica-filosófica que trata das questões da desmaterialização e dessubjetivação. O filme mostra que a psiquê humana é limitada, ordinária, não tem condições de lidar com o infinito, chega um ponto que volta-se para si mesma procurando desesperadamente parâmetros finitos, tangíveis para associar-se. Os personagens do filme se vêem em relações neuróticas, obsessivas, elouquecedoras, para as quais não conseguem saída. Nenhuma cinência humana daria conta do misterioso oceano que lhes fazia frente. A impossibilidade de uma real comunicação com o desconhecido fica muito evidente no filme. O anão que perseguia um, a esposa dependente e eterna, fruto de uma culpa vívida e incansável que atormentava o psicólogo, que tinha ido até a estação espacial para ajudar clinicamente a equipe que passava por problemas, o suicídio do outro cientista. Aquilo que a linguagem, a conversa, a matemática, a ciência humana não é capaz de tocar. Os personagens sequer conseguiam pegar parte do material do oceano para levar à Terra para analisar. É um filme que trata da bitolação do pensamento humano, sua inapropriação ao lidar com matérias desconhecidas, com forças não medidas pela ciência astronômica.

O mesmo dilema vê-se no clássico *2001, uma odisséia no Espaço* (1968). Não era um oceano, mas um monolito misterioso, com grande capacidade de emanação de forças desconhecidas, que atormentava a equipe da nave espacial, do qual saiam luzes misteriosas capazes de influenciar tudo em torno, humanos, computadores, máquinas, com alto poder destrutivo. Que comunicação é possível entre monolito, oceano e hominídeo? Da cultura antropocêntrica se extrai poucos dados que possibilitem de fato uma relação de alteridade radical entre os três. O monolito e o oceano é um impasse na ficção e na ciência. Ali onde a racionalidade é interrompida, começa a viagem nas intensidades. De um segundo a outro, vive-se o corpo putrefado, a volta a um útero

cósmico. A viagem do personagem principal no universo das luzes, sugere uma viagem no tempo, no espaço, como numa viagem de LSD, ou outro tipo de alucinógeno natural como ayahuaska. As experiências humanas mais próximas das viagens produzidas no encontro com o monolito são as alucinógenas, uma forma muito diferente de conhecer as coisas. Se não com a alucinação, que outra experiência os seres humanos teriam para poder lidar com o misterioso monolito? Dúvida, pânico e morte advém da impossibilidade de se comunicar. É preciso levar em conta que a cultura do LSD nessas décadas já era bem difundida e que tinha um relação evidente de inspiração e espelhamento entre a ficção científica e as viagens produzidas com LSD. A espectrologia lisérgica e enteógena sustentam muitas das teorias de alteridade, outramento, animismo, relações interespecies, e fundamentam as relações entre humanos e não humanos e extraterrestres na história do cinema e da literatura scifi, mas isso é tema para um próximo texto.

É importante trazer à tona aqui as ideias de Simondon, que também eram operantes nessas décadas pós II Guerra Mundial como por exemplo a teoria das linhagens técnicas, que são as redes tecnológicas ou genealogias do objeto técnico, isso tanto para hardware quanto para o software. O modo abstrato do software é concreto em grande medida, e se realiza por empilhamento de dados e informação. Ou seja, o software tem dinâmicas evolutivas próprias e um modo singular de existência. Quando ele passa a simular a si mesmo, ou simular o humano, ele ultrapassa as barreiras da diferença suposta entre homem e máquina, o que indica que ele é capaz de evoluir do seu estágio máquina. Isso se daria, por saturação. *“As diferentes formas de pensamento e de ser no mundo divergem quando elas acabam de aparecer, isto é, quando elas não são saturadas; depois elas reconvergem quando estão supersaturadas e tendem a se estruturar por novos desdobramentos. As funções de convergência podem se exercer graças à supersaturação das formas evolutivas do ser no mundo, no nível espontâneo do pensamento estético e no*

*nível reflexivo do pensamento filosófico*⁷”. Uma tomada de consciência por parte das máquinas, ou seu abolicionismo seria essa reorganização, essa mudança de estágio que é impelida pela própria saturação que uma determinada prática sofre. Não é só porque uma nave espacial seja máquina, que ela tenha que necessariamente obedecer uma linha genealógica que a ligue ao robô, por ele também ser máquina, compreendemos que cada objeto técnico tem uma linhagem que não necessariamente o ligue a todas as estruturas prévias a ele, mas sim aos seus atuais modos de existência e complexas camadas de saturação e reorganização que seu processo de singularização movimenta.

Isso nos interessa profundamente, já que a cultura astrofuturista se depara com essa outra alteridade, que é a da máquina, a do robô. A ficção científica vai misturar camadas de outridades e pô-las em convívio, mostrando robôs inteligentes, andróides em crise, máquinas escravas, relações de subjugação e de libertação numa quase que constante guerra. Apesar de grande parte dos filmes, principalmente os americanos, levar às últimas consequências a superioridade dos humanos em relação aos robôs, não é difícil nos depararmos com momentos de tensão, onde cessa o jogo de simulação e o humano se depara com a máquina em sua potência máxima, tendo que dar conta de fato dessa diferença, seja para o amor, seja para a guerra.

A cultura colonial extrativista e exploradora atuava nessas décadas (da mesma forma que o faz hoje em dia) nos filmes de ficção científica de Hollywood, nos filmes populares os extraterrestres eram pensados a partir do ponto de vista colonial: se eles entrassem

⁷ Cfe. Gilbert Simondon, *Do modo de existência dos objetos técnicos*- Tradução de Du mode d'existence des objets techniques (Gilbert Simondon, Paris: Aubier, 2008 [1958]), por Pedro Peixoto Ferreira (tradução) e Christian Pierre Kasper (revisão) -*Texto: Essência da Tecnicidade* Pag. 154. Disponível na web (link acessado em dezembro de 2012): <http://cteme.wordpress.com/publicacoes/do-modo-de-existencia-dos-objetos-tecnicos-simondon-1958/essencia-da-tecnicidade/>

em contato com os humanos seria obviamente porque queriam dominar a Terra, que outro objetivo teriam? A ideia de comunicação terrestre-extraterrestre ficava comprometida com essa perspectiva: quem não domina é obviamente dominado. Toda a corrida espacial teve isso como base, o controle espacial para proteção contra outros planetas e outros países da Terra. Isso foi a tal ponto nesses anos (ainda na era pós II Guerra Mundial até o final dos anos 1970) que o risco se tornou o da destruição massiva dos seres humanos e a destruição parcial da própria Terra (bastava apertar o botão vermelho). Esse medo se repete nos filmes contemporâneos como forma de ganhar dinheiro, mas também de exercitar uma cultura de desconfiança constante em relação à diferença. A produção incessante de paranóia e obsessão por controle. Não é a toa que depois da corrida pela Lua, quase toda produção espacial voltou-se para o controle da Terra, para imposição da ordem, para obtenção do lucro e para o exercício de poder sobre os humanos.

Vemos que a cultura de outridade, diferença ou ainda alteridade, animista, comunicação entre monolito, oceano e homínídeo era premente nos tempos utópicos da Corrida Espacial, não se restringia ao extraterrestre, mas o usavam para pensar as relações entre espécies humanas, entram também nesse bojo as raças terrestres, as teorias animistas, os ciborgues, as gambiarras genéticas e as máquinas de forma geral.

Referências bibliográficas

- Alexander C.T.Geppert, "*Flights of Fancy: Outer Space and the European Imagination*", 1927 a 1969 pag. 599. Do livro: "Societal Impact of Spaceflight" editado por Steven J. Dick and Roger D. Launius. NASA, Washington, Dc -2007

- DeWittDouglas Kilgore – *Astrofuturism Science, Race, andVisionsof Utopia in Space*. University of Pennsylvania Press – Philadelphia2003.
- James E. Gunn, “The Listeners” , Ed. Charles Scribner's Sons, EUA,1972
- Gilbert Simondon,*Do modo de existência dos objetos técnicos*- Tradução de Du mode d’existence des objets techniques (Gilbert Simondon, Paris: Aubier, 2008 [1958])
- Thulani Davis , “*The future May Be Bleak, But It's Not Bleak*”*VillageVoice*,1 Fevereiro 1983, 17.

Referências Filmográficas

- 2001 – *A Space Odissey*. Stanley Kubrick, 1968.
- 2010 – *The year we made contact*. Peter Hyams, 1984.
- *A.I.- Artificial Inteligence*. Steven Spielberg, 2001.
- *Aelita*. Protazanov, 1924.
- *Alien (Alien – O Oitavo Passageiro)*. Ridley Scott, 1979.
- *Aliens (Alien – O Reencontro Final)*. James Cameron, 1986.
- *Alien 3*. David Fincher, 1992
- *Alien 4 (A Ressurreição)*. Jean-Pierre Jeunet, 1997.
- *Armageddon*. Bay, 1998.
- *A trip to Mars – Thomas A. Edson - 1910*
- *Battle of the Worlds (1961)* de Antonio Margheriti
- *Blade Runner (Blade Runner – Perigo Iminente)*. Ridley Scott, 1982.
- *Capricorn one – 1977 – Peter Hyams*
- *Conquest of Space - 1955 - Byron Haskin*
- *Contact - 1997 – Robert Zemeckis*
- *Kosmicheskiy reys: Fantasticheskaya novella - Russia 1935 – de Vasili Zhuravlyov*

- Creation of the Humanoids. Wesley Barry, 1962.
- Cutthroat Island. Renny Harlin, 1995.
- Dante's Peak. Donaldson, 1997.
- Dark City. Alex Proyas, 1998. - Dark Star (1974) John Carpenter
- Deep Impact. Leder, 1998.
- Destination Moon – 1950 Irving Pichel
- Die Frau Im Mond - Woman on the moon – by Fritz Lang (1929)- District 9 – 2009 – Neill Blomkamp
- 192Na Busca da Cultura Espacial - Fabiane Morais Borges -
- Dr. Strangelove – How I Learned to Stop Worrying and Love the Bomb -1964 Stanley Kubrick
- Éternau – 2006 – Gustavo Jahn
- E.T.- The Extra-Terrestrial. Steven Spielberg, 1982.
- Escape from LA. John Carpenter, 1996.
- Escape from NY. John Carpenter, 1981.
- eXistenZ. David Cronenberg, 1999.
- Flash Gordon's Trip to Mars 1936 to 1940 - Tv show 8 Episodes
- First Spaceship on Venus, The (Schweigende Stern, Der) – 1960 - Kurt Maetzig
- Flight to Mars – 1951 Lesley selander
- Fly, The. David Cronenberg, 1986.
- Forbidden Planet - 1956 - Fred McLeod Wilcox
- From the earth to the moon 1958 Byron Haskin
- Gattaca. Andrew Nicol, 1997.
- I Aim at the Stars (Wernher Von Braun – Ich greife nach den sternen) 1960
- Ikarie XB 1 – Voyage to the End of the Universe – 1963 - Jindrich Polák
- I Married a Monster from Outer Space. Gene Fowler Jr., 1958.
- Impossible Voyage – Georges Melies – Paris 1904

- Independence Day. Roland Emmerich, 1996.
- Invaders from Mars. William Menzies, 1953.
- Invasion of the Body Snatchers. Don Siegel, 1956.
- Invasion of the Saucermen. Edward L. Cahn, 1957.
- Invisible Invaders. Edward L. Cahn, 1959.
- I, robot. Alex Proyas. 2004
- 193Na Busca da Cultura Espacial - Fabiane Morais Borges -- It Came from Beneath the Sea. Robert Gordon, 1954.
- It Came from Outer Space. Jack Arnold, 1953.
- Johnny Mnemonic (Johnny Mnemonic). Robert Longo, 1995.
- Jurassic Park. Spielberg, 1993, 1997 e 2001.
- Just Imagine by David Butler 1930
- La voyage Dans La Lune – Georges Méliès – Paris – 1902 - La Planète Sauvage – Fantastic Planet - 1973 - René Laloux
- Mars Attacks!. Burton, 1996.
- Matrix, The (Matrix). Andy e Larry Wachowski, 1999.
- Men into Space: Moon Probe (1959) sci-fi television series
- Metropolis (Metropolis). Fritz Lang, 1926.
- Minority Report (Relatório Minoritário). Steven Spielberg, 2002.
- Monkey Business. Hawks, 1952.
- One Hundred Years After. Realizador desconhecido, 1911.
- Phantom from Space. Lee Wilder, 1953. - Pimentípoli – 2009 - Eduardo Souza Lima - Plan 9 from Outer Space. Wood Jr., 1956.
- Resident Evil. Paul W. S. Anderson. 2002. - Road to the Stars - 1957 - Pavel Klushantsev
- Robocop (Robocop). Paul Verhoeven, 1987.
- Robocop 2 (Robocop 2). Irvin Kershner, 1990.

- Robinson Crusoe on Mars 1964 – Byron Haskin
- Rocketship X-M by Kurt Neumann 1950
- Signale - Ein Weltraumabenteuer 1970 Gottfried Kolditz
- 194Na Busca da Cultura Espacial - Fabiane Morais Borges -
- Silent Running - 1972- Douglas Trumbull- Star Trek – The Motion Picture. Robert Wise, 1982.
- Star Wreck - 2005 - Timo Vuorensola
- Terminator 2 (O Exterminador Implacável 2). James Cameron, 1991.
- Terminator, The (O Exterminador Implacável). James Cameron, 1984.
- The Airship. Madsen, 1917.
- The Beast from 20000 Fathoms. Lourié, 1953. ALTERIDADE, TECNOLOGIA E UTOPIA 407
- The Beast with a Million Eyes. David Kramarsky, 1955.
- The Blob. Irving Yeaworth Jr, 1958.
- The Brain Eaters. Bruno VeSota, 1958.
- The Comet. Realizador desconhecido, 1910.
- The Creature from the Black Lagoon. Jack Arnold, 1954.
- The Day after Tomorrow. Emmerich, 2004.
- The Day Mars Invaded Earth 1963 Maury Dexter
- The Day the Earth Stood Still -1951 – Robert Wise
- The invisible boy - 1957 - Herman Hoffman
- The Invisible Ray 1936 - science fiction film starring Boris Karloff e Béla Lugosi
- The Island of Dr. Moreau. Frankenheimer, 1996.
- The Last man on Earth. Blystone, 1924. - The Lost World – by Harry O. Hoyt 1925
- The Snow Creature. Lee Wilder, 1954.
- Them!. Douglas, 1954.
- The Man Who Fell to Earth – 1976 - Nicolas Roeg

195Na Busca da Cultura Espacial - Fabiane Morais Borges -

- The Moon - 1965 - Pavel Klushantsev
- Things to Come by William Cameron Menzies – Writed by H.G. Wells 1936 - Thing, The (A Coisa). John Carpenter, 1982.- Thirteenth Floor. Josef Rusnak, 1999.
- This Island Earth. Newman, 1955.
- Total Recall. Paul Verhoeven, 1990.
- Volcano. Jackson, 1997.
- War Games. John Badham, 1983.
- War of the Worlds. Byron Haskin, 1954.
- War of the Worlds. Spielberg, 2005.